

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE MEIO URBANO E MEIO RURAL DE JOVENS RESIDENTES NO MEIO RURAL

Social representation of youngsters from urban and rural areas

BIASUS, F.
BRANCO, S. DE S.

Recebimento: 10/10/2012 - Aceite: 20/11/2013

RESUMO: Trata-se de pesquisa quali-quantitativa, cujo objetivo foi identificar as representações sociais de meio urbano e rural de jovens residentes no meio rural na tentativa de compreender o fenômeno da migração. O estudo foi desenvolvido em 4 municípios da região do Alto Uruguai e contou com a participação de 40 jovens. A coleta de dados deu-se através da evocação de palavras e questionário de caracterização. A análise dos dados contou com auxílio dos softwares EVOC e Microsoft Excel. Entre os jovens foram caracterizados conteúdos em relação ao meio rural e urbano que evidenciaram a organização da representação social, enfatizando as preocupações em relação ao futuro, sendo as de meio urbano voltadas para atividades de lazer e, de certa forma, com uma visão mais positiva ao passo que a de meio rural estava mais voltada para incerteza e para a característica do trabalho no campo.

Palavras-chave: Representações sociais. Jovens. Meio rural.

ABSTRACT: It is a qualitative and quantitative research, whose aim was to identify the urban and rural social representations of young rural residents in an attempt to understand the migration phenomenon. The study was conducted in four municipalities in the region of Alto Uruguay and 40 youngsters took part in it. Data collection occurred through evoking words and a characterization questionnaire. Data analysis relied on the help of EVOC and Microsoft Excel software. Among the youngsters, contents regarding rural and urban areas were characterized, and evidenced the organization of social representation, emphasizing the concerns about the future. Leisure activities, with a positive view to some extent, were the concerns of the urban area residents, while uncertainty and field work were the concerns of the rural area individuals.

Keywords: Social representations. Young. Rural areas.

Introdução

O tema meio rural e todas as suas variações (roça, campo, interior, entre outros) encontra-se em voga nos meios de comunicação atualmente, devido a realização da RIO + 20, pelo debate a respeito do novo código florestal brasileiro no início de 2011, pelos movimentos ligados à luta pela terra MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) ou ainda pelo número cada vez maior de pessoas que deixam o ambiente agrícola passando a fixar residência nos centros urbanos, não somente nas grandes capitais, onde o fenômeno é mais perceptível, mas de um modo geral em todos os aglomerados urbanos.

Em relação aos jovens observamos cada vez mais um declínio na motivação para as atividades agrícolas e também para fixar residência no meio rural. Vários são os incentivos adotados pelos Governantes para tentar minimizar o êxodo rural, ou até reverter a situação (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura - PRONAF, Programa Mais Alimentos, Banco da Terra) na tentativa de fortalecer a agricultura familiar. Entretanto, alguns estudos apontam a falta de incentivo em relação à permanência da população rural como um todo (BRUMER, 2007; CORSI, 2004).

A psicologia, utilizando-se de suas teorias e elaborações, pode apresentar uma visão integrada a respeito dos fatos, o que ajudaria na compreensão do fenômeno migração. Entretanto, pouco se sabe sobre o fazer da psicologia em relação às populações rurais, marcado por ações isoladas e segundo Martins, Rocha, Augusto e Lee (2010) o Curso de Psicologia não prepara os acadêmicos para esta realidade. Segundo estes autores, pode-se dizer que estudos nas áreas da Psicologia acerca do tema meio rural, são escassos e mais ainda

referentes às representações sociais ligadas ao meio rural. Parece que os temas agrários despertam menos interesse nos pesquisadores se comparado com outros temas em se tratando de Psicologia.

Apesar de todos os avanços em relação à maior democratização da Psicologia percebe-se que as populações rurais permanecem, de certo modo, negligenciadas, revelando uma carência de instrumentos que levem em consideração que o contexto rural demanda metodologias e perspectivas específicas, dada a sua história sócio-política e que considerem a realidade pesquisada (MARTINS et al. 2010).

A migração, neste caso o êxodo rural, no decorrer dos anos passou a ser considerado um problema social, visto que historicamente pode-se perceber que a população rural vem diminuindo drasticamente, em contrapartida, a população urbana vem crescendo (MARTINE, 1987; ALVES, 2006).

Em se tratando daquilo que pode ser considerado meio rural ou meio urbano, não foi encontrado na literatura brasileira pesquisada um conceito universalmente válido. O que se sabe hoje, é regido pela vigência de uma lei datada de 1938 (Decreto-lei 311 de 1938) que delimita sobre o rural e o urbano no Brasil, momento em que o país era essencialmente rural. Esta lei define como urbano toda sede de município (cidade) e de distrito (vila) sem levar em conta aspectos estruturais e funcionais (SATHLER, 2005). Alguns países como Espanha, Grécia e vários países latino-americanos adotam critérios populacionais para fazer esta delimitação. Já no Brasil e em países como Equador, Guatemala e El Salvador, os critérios usados para esta delimitação são de ordem mais administrativa do que geográfica ou econômica (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998; CUNHA, 2005).

Outro conceito importante neste estudo refere-se à migração. Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas) refere-se a

toda mobilidade de pessoas que ocorre no espaço geográfico entre distintos territórios. Acontece quando um indivíduo abandona determinado território fixando-se em outro, alterando o número de habitantes nos territórios envolvidos.

Com base em Camarano e Abramovay, (1998) e dados do IBGE (2011) pode-se afirmar que os movimentos migratórios, ligados a queda da fecundidade rural apresentada nos anos 90, respondem pelo processo de esvaziamento rural. Existe, também, um padrão nos aspectos migratórios, de modo que o número de mulheres sobrepõe-se ao número de homens, e cada vez mais se percebe um rejuvenescimento do fluxo migratório rural, sendo que, na década de 1990 a idade entre 15 e 20 anos foi considerada mais crítica em relação à migração das mulheres e, para os homens, a idade de 20 a 24 anos.

Segundo Alves (2006), viver no meio rural ou ir morar no meio urbano, implica na avaliação de uma série de variáveis como o diferencial de salário, risco de desemprego e violência. A família corre o risco de migrar se o diferencial de salário for tentador e as vantagens da cidade forem incorporadas a ele. Camarano e Abramovay (1998) referem que, num primeiro momento, jovens rurais pouco qualificados migram muitas vezes de forma temporária, para suplementar a escassez de renda da família principalmente em etapas iniciais da constituição de seus próprios lares, quando tem pouco capital, terra ou condições de sobreviver na sua própria unidade produtiva. Num estágio seguinte, as moças, expostas a uma cultura de vida tradicionalmente machista, alcançam mais anos de educação formal, o que acaba servindo como passaporte para trabalhos mais qualificados e, geralmente, não manuais num novo ambiente.

Santos (2009) afirma que a maioria dos agricultores incentiva os filhos, independente do sexo, a continuarem estudando, com a

promessa de melhores condições de vida no futuro, em que predomina o pensamento que a vida será mais fácil na cidade. A oferta de trabalho em indústrias, ou atividades domésticas, associadas à dinâmica intrafamiliar onde as moças têm alta carga de trabalho e o sentimento de não valorização, facilita a escolha de deixar a casa paterna como meio mais curto para a independência econômica, aliado a uma estimulação por parte das famílias para que as moças estudem mais com a perspectiva de que saiam do campo. Estes fatores contribuem para um êxodo maior do contingente feminino (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1998).

Para Alves, Souza e Brandão (2006), a principal razão do êxodo rural, não obstante a violência e o desemprego urbanos, reside na baixa remuneração da agricultura, de modo que 80% dos estabelecimentos rurais com menos de 100 ha não remuneram o empreendedor com mais de 2 salários mínimos; além disso, 74% deles têm renda negativa.

A teoria das representações sociais

Dentre as diferentes formas de abordar o fenômeno da migração do jovem, seja do ponto de vista econômico ou do mercado de trabalho (FERRARI et al, 2004; HARTWIG, 2012) e ainda das compreensões ligadas à geografia humana (MEDEIROS e MOREIRA, 2009), investigou-se o que o jovem pensa a respeito do meio rural e do meio urbano como possibilidade de compreender o fenômeno da migração a partir de um olhar da cognição social, ou seja, através das representações sociais que os jovens apresentam em relação ao urbano e ao rural.

Por representação social entende-se, segundo Moscovici (1982), um conjunto de conceitos, proposições e explicações criado na vida cotidiana no curso da comunicação

individual, podendo ser comparadas, em nossa sociedade como mitos e crenças nas sociedades tradicionais, podem ser entendidas como uma versão contemporânea do senso comum, focada na forma pela qual os homens, quanto ao conteúdo de seu pensamento, pensam ou criam suas realidades partilhadas.

Para Moscovici (1978) a representação social consegue inculcar um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo, ao mesmo tempo, as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes.

Esta pesquisa se propôs identificar as representações de meio urbano e rural através da análise da estrutura das representações sociais, por meio da abordagem estrutural. Para Sá (1996), toda representação social está organizada em torno de um núcleo central que, ao mesmo tempo, determina sua significação e sua organização interna. O mesmo autor afirma, ainda, que quanto ao levantamento dos conteúdos das representações podem ser usados métodos interrogativos (entrevistas, questionários, desenhos) e métodos associativos (evocações, associações livres, mapas associativos, etc.). Dentre as técnicas acima citadas, a associação livre ou a evocação, é muito adequada para coletar os elementos constitutivos do conteúdo de uma representação. Entre as vantagens estariam um acesso mais fácil e rápido ao universo semântico devido à espontaneidade e, pela dimensão projetiva desta, se comparado às entrevistas. A hierarquização desses itens produz medidas de saliências diferenciadas das diversas cognições de uma representação.

Estudos de representação social do objeto desta pesquisa não foram encontrados, entretanto, destacam-se estudos que tangenciam cognições referentes ao fenômeno migratório e também ao meio urbano e rural. No estudo de Santos (2009) que trata das representações

televisivas de campo e cidade, verifica-se que o termo meio rural está ligado a ideias como: vida simples, tranquila, harmoniosa e inocente; a família e a religião também estão ligadas ao meio rural. Ao meio urbano foram atribuídos valores referentes ao saber, à comunicação e à luz. Outro ponto apontado pela autora é o fato de os filhos dos agricultores sentirem-se excluídos por morarem no meio rural ao referirem sentir vergonha de serem chamados de colonos.

Carneiro (1998) aponta que os jovens rurais vivem uma dicotomia: por um lado, espelham-se na cultura urbana que surge como referência para a construção de seu projeto de vida geralmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno e, por outro, cultuam laços que os prendem a cultura de origem. Essa dicotomia reflete a ambiguidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem. Geralmente indicados por um parente, esses jovens se submetem a empregos pouco qualificados, por não terem experiência profissional, mas que rendem o suficiente para pagar os estudos e custearem alguns gastos, conquistando, assim, a autonomia almejada em relação aos pais. Enquanto os rapazes trabalham, na maioria das vezes, em pequenas empresas, as moças se dirigem ao comércio ou às casas de família onde são empregadas como domésticas.

Acredita-se que ao analisar as representações sociais de meio urbano e meio rural dos jovens, se torne possível compreender um pouco mais sobre este fenômeno complexo que é a migração e o êxodo rural desta parcela da população, conforme os métodos e os resultados do estudo, listados a seguir.

Método

Participaram deste estudo 40 jovens com idade entre 15 e 20 anos, residentes

em 4 municípios da região da Associação dos Municípios do Alto Uruguai Gaúcho (AMAU) - (Erechim, Paulo Bento, Erebangó e Faxinalzinho), sendo divididos igualmente quanto ao sexo e quanto à representatividade nos 4 municípios pesquisados. A escolha dos participantes inicialmente deu-se por contato com o sindicato dos trabalhadores rurais de um dos municípios, mas como não havia na instituição nenhum registro específico desses jovens, foram indicados jovens que eram filhos de agricultores e moradores na área rural dos municípios.

Diante da dificuldade da coleta de dados, optou-se por entrevistar os jovens em seu local de estudo; esta forma de coleta não traria maiores desconfortos quanto ao deslocamento dos participantes e facilitou o acesso aos sujeitos.

Inicialmente foram escolhidos os 4 municípios onde foram realizadas as entrevistas: um dos municípios foi o município de residência dos pesquisadores e mais 3 municípios com os quais os pesquisadores já possuem contato, permitindo a coleta de informações. Inicialmente foi entrado em contato, via telefone, com as escolas, para audiência de apresentação da pesquisa e solicitação para a coleta de dados nas dependências da mesma.

Já em contato com potenciais participantes, os mesmos receberam as informações da pesquisa e aqueles com idade inferior a 18 anos, levaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para assinatura de seus pais, conforme orientação do CEP/URI, uma vez que o projeto foi analisado e aprovado sob registro 160/TCH/10. Os participantes de maior idade assinaram o TCLE e responderam a um questionário de evocação de palavras, sobre o meio urbano e meio rural, e um questionário de caracterização.

Neste estudo, apresentamos os dados coletados através da evocação de palavras que foram analisados com auxílio do *software*

EVOC (*Ensembles de programmes permettant l'analyse des evocations*) – Versão 2000 (VERGÈS, SCANO E JUNIQUE, 2002). Para tanto, o *corpus* de análise foi preparado no *software Microsoft Excel*, onde cada linha da tabela correspondia a um participante da pesquisa e as colunas às palavras evocadas, sendo colocadas em ordem de importância conforme indicadas pelos sujeitos da pesquisa. Estes *corpora* é que foram submetidos ao tratamento no *software* EVOC 2000. Os dados quantitativos oriundos dos questionários de caracterização foram tabulados e analisados usando estatísticas descritivas com auxílio do *software Microsoft Excel*.

Resultados e discussão

Os participantes deste estudo apresentaram a média de idade de, aproximadamente, 17 anos, apresentando dp (desvio padrão) de um ano e meio. Considerando o sexo dos participantes, as meninas apresentam média de um ano a menos dos meninos, que apresentaram 17 anos e meio. Em relação à propriedade de terra, 30 participantes afirmaram que a família é proprietária e, 10, afirmaram prestar serviços. Do total, apenas 14 participantes (35%) afirmaram ter desejo de viver no meio rural. A Tabela 1 mostra a disposição dos participantes quanto à escolaridade e o sexo.

Tabela 1 - Disposição dos participantes quanto à escolaridade (n=40)

Escolaridade	Número de participantes	Homens	Mulheres
Ensino médio completo	6	4	2
Ensino médio incompleto	29	12	17
Curso técnico	3	2	1
Ensino fundamental incompleto	2	2	0
Total	40	20	20

Ainda sobre a caracterização dos participantes, buscou-se saber quais as atividades desenvolvidas pela família no meio rural, conforme pode ser observado na Tabela 2. A renda média familiar variou de R\$ 1.100,00 a 2.500,00.

Tabela 2 - Renda média por atividade

Atividade	Nºs indivíduos
Agricultura	12
Pecuária de corte	1
Pecuária leiteira	3
Avicultura	2
Mais de uma atividade	22

Representação social de meio rural e urbano

As evocações de meio rural e urbano foram tratadas individualmente. Em relação à evocação de palavras sobre o meio rural, foram evocadas, ao todo, 181 palavras, de um máximo de 200 possíveis, indicando que alguns participantes evocaram menos de 5 palavras.

Segundo Biasus (2009) o quadrante superior esquerdo do quadro de quatro casas do EVOC indica os elementos considerados como provavelmente centrais da representação, onde as frequências são maiores e as palavras mais prontamente evocadas. No quadrante superior direito e inferior esquerdo e direito, os elementos se referem à periferia da representação. São designados desta forma, pois são cognições que estabelecem relação de proximidade com o núcleo central da representação, porém não são ideias organizadoras da representação.

A partir da análise lexicográfica, pode-se observar que a representação social de meio rural da população estudada é estruturada em

torno dos termos *agricultura e tranquilidade*; o aspecto tranquilidade abordado vem ao encontro de estudos como de Brumer, Coradini e Pandolfo (2008) e Carneiro (2007). O termo agricultura traz aspectos referentes a uma das atividades mais importantes na concepção destes jovens e alude às possíveis atividades geradoras de renda que podem ser desenvolvidas nas propriedades. Desta forma pode-se pensar que a agricultura é umas das atividades mais presentes, é uma das principais atividades de renda das propriedades rurais, como pode ser visto na Tabela 2. Falar ou pensar sobre meio rural, é pensar na agricultura. Estas ideias são as mais difíceis de serem mudadas e tendem a se perpetuar, pois são os elementos componentes do primeiro quadrante (superior esquerdo), que ocorreram com maior frequência e mais prontamente enunciadas. Tais palavras, possivelmente, constituem o núcleo central das representações (SÁ 1996).

Tabela 3 - Quadro de quatro casas do EVOC para termo indutor “meio rural”

	OME < 2,5		OME > 2,5	
	Elemento	F OME	Elemento	F OME
$f \geq 6$	Agricultura	7 1,429	Animais	10 2,900
	Tranquilidade	7 2,143	Trabalho	10 2,500
$f < 6$	Calma	5 1,600	Avicultura	3 4,000
	Cavalos	3 2,333	bom_de_morar	3 4,000
	Lavoura	3 2,333	Desvalorização	3 3,333
	Pecuária	3 1,667	Dificuldade	3 2,667
	Produção	4 1,750	Estradas_terra	3 3,000
	Vaca	4 2,250	Família	3 3,333
			Fazenda	3 3,333
			Maquinas	4 3,750
			Máquina	3 4,333
			Natureza	3 2,667
			Plantação	4 2,750
			Pouco_dinheiro	3 2,667
			Roça	3 2,667
			Sofrimento	4 2,500
			Terras	3 2,667

O quadrante superior direito corresponde às palavras com alta frequência de evocação e com a ordem média de evocação mais elevada que a média geral; este quadrante compõe a periferia próxima ao núcleo das representações. Para o meio rural, as palavras correspondem a *animais e trabalho*; essas palavras estão relacionadas com as palavras

componentes do quadrante inferior esquerdo *calma, cavalos, lavoura, pecuária, produção, vaca.*

O quadrante inferior direito é composto pelas palavras que fazem parte do sistema mais periférico da representação, *avicultura, bom de morar, desvalorização, dificuldade, estradas de terra, família, fazenda, máquinas, natureza, plantação, pouco dinheiro, roça, sofrimento e terras.*

Com isso, é possível observar que a representação de meio rural apresentada pelos participantes faz referência a duas ideias principais, uma vinculada ao trabalho no campo, aonde a agricultura figura como uma ideia central na qual a representação irá se organizar. Além desta ideia figura, também, o termo *tranquilidade*, e aqui nada tem a ver com a agricultura ser tranquila, mas sim a vida no meio rural ser tranquila, levando-se em consideração seus aspectos psicossociais.

Articulando os quatro quadrantes, podemos compreender que os jovens, ao pensar em meio rural, pensam num lugar em que se desenvolvem trabalhos ligados à agricultura, pecuária, enfim onde há produção e que socialmente é um lugar tranquilo para se viver. Entretanto, apenas 35% dos jovens planejam manter-se no meio rural. Tal fato permite inferir que os aspectos positivos do viver no campo são insuficientes para mantê-los no campo. Além disso é possível identificar, ainda que periféricamente, ideias de um meio rural marcado pelas dificuldades do trabalho, desvalorização do campo e da produção, instabilidade climática e baixa remuneração na estrutura da representação.

A análise das evocações sobre meio urbano demonstrou a presença de 179 palavras, que após serem analisadas com auxílio dos *software Excel* e EVOC apresentou a seguinte distribuição de classes, conforme mostra a Tabela 4.

A representação social de meio urbano parece estar estruturada em torno dos léxicos *carros, pessoas e violência*. Na periferia próxima são observadas as palavras *agitado, barulho, comércio, diversão, emprego, escolas, poluição, prédios, salário, serviço de saúde* e, no terceiro quadrante, a palavra *oportunidade*. Por sua vez as palavras *casas, movimento multidões, tecnologia*, compõem o quadrante inferior direito em relação ao objeto meio urbano.

A estrutura representacional pela qual os participantes pensam o meio urbano indica uma teoria leiga de meio urbano vinculada à existência de carros, pessoas e de violência. Estas ideias estereotipadas do meio urbano são, muito frequentemente, veiculadas na mídia ao tratar das cidades, sobretudo o aspecto da violência, também atuando aqui como um contraponto da representação de meio rural.

Tabela 4 - Quadro de quatro casas do EVOC para termoindutor “meio urbano”.

	Elemento	OME < 2,5		Elemento	OME >= 2,5	
		F	OME		F	OME
<i>f</i> ≥ 5	Carros	11	2,455	Agitado	6	2,833
	Pessoas	5	2,000	Barulho	5	3,600
	Violência	5	2,000	Comércio	8	3,500
				Diversão	11	3,182
				Emprego	10	2,600
				Escolas	9	3,333
				Poluição	9	2,556
				Prédios	5	3,200
				Salário	5	3,000
<i>f</i> < 5				Serviço_saúde	5	3,000
	Oportunidade	3	2,000	Casas	4	3,750
				Movimento	4	3,250
				Multidões	4	3,750
			Tecnologia	3	3,333	

Para os jovens, pensar em meio urbano é pensar em escola, agitação e até aglomeração de pessoas, carros e barulho gerado por tudo isso. É pensar, ainda, no comércio, como uma característica marcante do espaço urbano e distinto do meio rural. É, também, pensar em oportunidades, de emprego, de ter um salário fixo todos os meses, bem como acesso aos serviços de saúde.

Da mesma forma que fazem ao tratar de meio rural, os jovens, ao pensar em meio urbano, destacam suas características marcantes com certa saliência: ideias mais positivas, vinculadas ao meio urbano, ainda que aspectos negativos da cidade, figuram entre os elementos centrais da representação. Esta lógica de pensamento é referida também por Carneiro (2007), ao apontar que o meio urbano é valorizado pela facilidade de acesso aos recursos valorizados pelos jovens, como o estudo e o trabalho.

Considerando os dois objetos pesquisados (meio rural e meio urbano) é possível dizer que os jovens participantes referem-se a um meio rural positivo para se morar, mas negativo para se viver, ideia que se inverte quando tratam do meio urbano. O que se quer afirmar com isso é que a tranquilidade do campo é boa para se viver, porém o trabalho, a instabilidade e baixa remuneração, o afastam deste local. Já o meio urbano é um local “perigoso”, estressante, desafiador, entretanto apresenta maiores possibilidades quando o assunto é trabalho e a estabilidade financeira mensal, ainda que baixa.

Somente o aspecto da renda não é suficiente para explicar a saída do campo. Parece existir uma gama de variáveis, inclusive aquelas vinculadas às cognições sociais e às construções sociais para compreender a migração. Isso não significa dizer que os estabelecimentos rurais têm renda abundante, pois a renda média das famílias consideradas proprietárias é de R\$ 1561,85 e, para as famílias consideradas prestadoras de serviço, a renda média foi de R\$ 1404,35; contudo, isso não significa renda líquida, mas sim a renda bruta que, se forem levados em conta os gastos oriundos da produção, vai ao encontro daquilo que aponta Alves et al (2006) ao afirmar que muitos estabelecimentos rurais tem renda negativa.

De modo geral pode-se perceber que as representações a nível estrutural tratam o meio rural com uma visão mais negativa no que tange ao trabalho, renda e, como possibilidade de futuro, em contrapartida, a vida no meio rural é vista com mais positividade, abordando aspectos ligados à calma, à tranquilidade e à melhor qualidade de vida.

Questionamos qual seria o motivo dessa visão e encontramos subsídio no estudo de Carneiro (1998) que aponta que os jovens, de certa forma, sentem-se atraídos pelo modo de vida urbano vendo-o como algo idealizado. O meio urbano, nessa perspectiva, é mais atrativo quanto ao trabalho pela oportunidade de renda fixa, trabalho visto como mais leve se comparado com o meio rural; as atividades de lazer proporcionadas pelo meio urbano também são mais atrativas para os jovens, bem como as oportunidades que o meio urbano pode oferecer, (oportunidade de uma melhor qualidade de vida, de crescimento profissional e educacional).

Também Santos (2008), ao analisar a representação televisiva de meio urbano e rural, aponta a influência da mídia na percepção dos jovens, principalmente nas telenovelas onde o meio rural muitas vezes é caricaturado, em oposição ao meio urbano geralmente apresentado superestimado com belos apartamentos, carros de luxo, e outros bens de consumo que passam a fazer parte do imaginário dos jovens rurais e se tornar objeto de desejo dos mesmos, reforçando a ideia do modo de vida urbano.

As informações referentes à masculinização do campo proposta por Camarano e Abramovay (1998) não puderam ser confirmadas nesse estudo, considerando a questão que levanta a proporção de jovens que se sentem atraídos pelo meio urbano é a mesma, sem distinção entre os sexos. Nossos achados corroboram com outros estudos que abordam o tema migração jovem, Carneiro (1998), Camarano (1998); ao todo, 65% dos jovens,

independentemente do sexo, referiram preferir residir no meio urbano no futuro. De certa forma isso preocupa pois residir no meio rural não significa necessariamente obter renda da atividade rural, como afirma Carneiro (1998). Parece que às características positivas do campo, destacadas pelos jovens, são insuficientes para manter os mesmos no meio rural, conforme afirmou-se anteriormente.

As ideias associadas ao sofrimento no trabalho do campo, a desvalorização social e as políticas de incentivos escassas para o meio rural, adquirem uma saliência e parecem corroborar com a decisão do jovem de saída do campo.

Se analisadas as representações de rural e urbano como um todo, pode-se ter uma visão mais pessimista quanto ao meio rural, na perspectiva de trabalho e opção de futuro; a estrutura da representação organizada em torno da agricultura e tranquilidade traz uma visão um tanto dicotômica: de um lado o jovem cultua a tranquilidade que o meio rural propõe, mas, por outro lado, a agricultura, principal atividade de renda nos estabelecimentos rurais, é vista como dando pouco retorno financeiro.

Em relação à representação de meio urbano nota-se uma visão de certa forma mais positiva em comparação ao meio rural, se forem levados em conta aspectos quanto ao futuro, trabalho e renda. Seguindo uma lógica de raciocínio semelhante, os jovens destacam tanto aspectos positivos como negativos do meio urbano; entretanto, parece se sobressair, em suas cognições, os aspectos positivos, o que pode indicar que o comportamento migratório do jovem é marcado pelo desejo de melhoria das condições de vida e das oportunidades.

Considerações finais

Este trabalho não tem a pretensão de lançar uma explicação para o fenômeno da migração do jovem do campo para a cidade. Tentou buscar, nas representações sociais construídas pelos jovens do campo, indicativos que possam auxiliar a compreensão deste fenômeno social tão difícil de ser analisado e, ao mesmo tempo, fundamental, pelo envelhecimento do campo e o aumento dos bolsões de pobreza nas cidades. Além disso, pode-se dizer que a nível regional, marca um passo original e inicial em estudos na área da psicologia em relação ao meio rural.

Como todo estudo exploratório, este também é limitado ao se considerar o poder explicativo de seus achados; entretanto, foi possível atingir o objetivo a que se propôs e sugere a importância de aprofundar estudos desta natureza – cognição social, psicologia e meio rural – para que se possam compreender fenômenos sociais que nos desafiam cotidianamente. Outra possibilidade de desdobramento do estudo refere-se a investigações relativas ao adolecer no campo e na cidade, suas semelhanças e diferenças.

Neste estudo, o aspecto relacionado ao trabalho e às diferenças entre trabalho no campo e na cidade, são bastante reveladores para a compreensão do fenômeno migratório, ainda que insuficientes. Neste sentido, os dados oferecidos por este estudo parecem indicar a necessidade de políticas de valorização do campo, aumento de possibilidades de trabalho, entre outras ações que permitam a permanência do jovem no meio rural.

AUTORES

Felipe Biasus – URI Erechim – Mestre em Psicologia-UFSC – Professor do Curso de Psicologia. E-mail: febiasus@yahoo.com.br

Sidnei de Souza Branco – Psicólogo

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M: **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas** . – Brasília : UNESCO, BID, 2002. 192 p.

ALVES, E. Migração Rural Urbana. In: ALVES, E. **Migração rural-urbana, agricultura familiar e novas tecnologias**. Coletânea de artigos revistos. Embrapa Informação Tecnológica, 2006, p.14-40 .

ALVES, E. SOUZA, G. S; BRANDÃO, A. S. P; A situação do produtor com menos de 100 hectares In ALVES, E. **Migração rural-urbana, agricultura familiar e novas tecnologias**. Coletânea de artigos revistos. Embrapa Informação Tecnológica, 2006, p. 64-83.

BIASUS, F ; Representação Social da Psicologia . In: II FÓRUM NACIONAL EM SAÚDE - I SALÃO CIENTÍFICO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE, 2009, Erechim. **Anais do II Fórum Nacional em Saúde - I Salão Científico das Ciências da Saúde**. Erechim : Edifapes, 2009

BRACAGIOLI, A; Desenvolvimento e envolvimento da agricultura no sul do Brasil: abordagem crítica do processo de desenvolvimento. ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. **Anais**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2003. p. 33-35

BRUMER, A; A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.35-51.

BRUMER, A ; CORADINI ; L. PANDOLFO, G. C. . **Gênero e agricultura familiar: projetos de jovens filhos de agricultores familiares na região Sul do Brasil**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, 2008, Florianópolis. **Fazendo Gênero 8. Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis : Editora Mulheres, 2008. Disponível em : <<http://www.fazendogenero8.ufsc.br>> Acesso em: 15 maio 2011.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, p. 45-66, 1998. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol15_n2_1998/vol15_n2_1998_4artigo_45_65.pdf> Acesso em: 30 ago 2010.

CARNEIRO, M.J. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 53-66, 2007.

CARNEIRO, M. J. . O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: Francisco SILVA C.T.; SANTOS R; COSTA. L.F.C; (Org.). **Mundo Rural e Política**. Rio de Janeiro: Campus, 1998, v. , p. 95-118. Disponível em <<http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/carne.rtf>> Acesso em: 05 set. 2010.

CORSI, E. Patrimônios Históricos-Culturais: uma nova perspectiva para o urbano e o rural através do turismo sustentável. **Caminhos da Geografia On Line**, Uberlândia, v. 11, 2004 Disponível em <http://www.ig.ufu.br/caminhos_de_geografia>. Acesso em: 10 mai 2011.

- CUNHA, J.M.P. Migração e urbanização no Brasil: alguns desafios metodológicos para análise. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo: SEADE, v.19, n.4, out-dez de 2005, p. 3-20. Disponível em <http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v19n04/v19n04_01.pdf> Acesso em: 15 set. 2010
- FERRARI, D. L. et al. Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir? **Estudos Sociedade e Agricultura**, out. 2004, vol. 12 no. 2, p. 237-271. ISSN 1413-0580.
- HARTWIG, M. Migração campo cidade: trajetórias de vida, trabalho e escolarização de jovens trabalhadores. In: **I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS: Campo e cidade em busca de caminhos comuns**, 2012, Pelotas/RS.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 10 mai 2011.
- MARTINE, G. Migração e Metropolização. **São Paulo em Perspectiva**, v. 01, n. 02, p. 28-31, 1987.
- MARTINS, A. M; ROCHA, M. I. A; AUGUSTO, R. C; e LEE, H. O. . A formação em Psicologia e a percepção do meio rural: um debate necessário. **Psicol. Ensino & Form.**, Brasília, v. 1, n. 1, abr. 2010 .
- MEDEIROS, E. R. de; MOREIRA, I.T. EXPECTATIVAS DE JOVENS RURAIS QUANTO À MIGRAÇÃO: o caso de Cacimba de Dentro/PB. **OKARA: Geografia em debate**, v.3, n.1, p. 186-212, 2009.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978.
- MOSCOVICI, S. On social representations. In J. P. FORGÁS (Ed.), **Social cognition: Perspectives on everyday understanding** (pp. 181-209). London: Academic Press. 1982.
- PREDIGER, S. Estado da Arte da Situação do Jovem Rural: a construção de identidades. **Revista Anagrama** (USP), v. 1, p. 13, 2009.
- SÁ, C. P. de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1996.
- SANTOS, L. S. Recepção televisiva por jovens rurais: Um estudo sobre as representações do campo e da cidade. In: **Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul**, 2009, Blumenau-SC. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0270-1.pdf>> Acesso em: 12 out. 2010.
- SATHLER, D. O rural e o urbano no Brasil. **Caderno de Geografia** (PUCMG), v. 15, p. 77-92, 2005.
- VERGES, P. ; SCANO, S. & JUNIQUE, C. **Ensembles de programmes permettant l'analyse des evocations**. Aix en Provence : Université Aix en Provence (Manual), 2002.

